

# PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (Anno X)



Anno III

Florianopolis, 6 de Dezembro de 1919

Num. 16

## A Immaculada Conceição

«Tota pulchra es Maria, et macula originalis non est in te!»

Celebra a Igreja, a 8 de Dezembro, a festa da Immaculada Conceição, isto é, o privilegio que teve a Mãe de Deus de ser concebida sem a mancha do peccado original.

E' dogma de f a insigne prerogativa de Maria, porém, mesmo que o não fosse, todos os seus filhos a considerariam immaculada, porque é facil comprehender que não podia estar um minuto sequer, sob o poder do demnio, Aquella que havia de ser um dia a coredeptora do genero humano.

Oh! Maria Immaculada, minha Mãe amorrssima, não tenho competencia para te dedicar um hymno de louvor, a commemorarmos a tua privilegiada conceição! Aceita, pois, nestas linhas tão singelas, minha filial saudação!

\*

\* \* \*

Filhas de Maria, relembremos muitas vezes os titulos de nobreza da Rainha dos anjos e dos homens, para que sempre mais e mais admiremos tão excelsa creatura, porque são assim teremos vontade de imital-a, e vs bem sabeis que a verdadeira devoção a Maria exige mais que a muda contemplação das suas glorias e virtudes.

O amor verdadeiro se prova pelos actos.

E', pois, com o vosso proceder, moldado no exemplo de Maria, que mostrareis amor a vossa Mãe santissima e immaculada.

Filhas de Maria, não me digais, como desculpa, que Maria  inimitavel, por ser a mais santa das creaturas; eu bem sei que

nunca nos igualaremos a tão acabado modelo, mas... quem não poderá esforçar-se por imitar sua inabalavel f, sua caridade para com o proximo, sua illimitada confiança, sua modestia no modo de trajar?!

E' tão difficil então moderar a lingua e deixar de usar, por exemplo, decotes exaggerados?!

Não, F. de Maria, não é difficil ter-se um pouco de boa vontade, pois, diz o dictado—*quem quer pode...* e muito mais poderemos com a protecção da Santissima Virgem, si a Ella recorreremos com devoção e confiança!

Fazei, pois, no dia em que se festeja a Immaculada Conceição de Maria, o firme proposito de pautar a vossa vida pela sua, a fim de que sejais dignas filhas de tão santa e carinhosa Mãe.

Zenir Alca.

## Da Igreja triumphante

S. FRANCISCO XAVIER

(3 de dezembro)

S. Francisco Xavier, cognominado Apostolo das Indias e do Japão, nasceu a 7 de Abril de 1506, de pais nobres, no castello Xavier, na provincia de Navarra.

Aos 18 annos mandaram-no a Paris para completar os estudos.

L conheceu Sto. Ignacio, e entrou na companhia de Jesus, onde se adiantou, de modo admiravel, em todas as christs virtudes, e mais assignalado se tornou no zelo da gloria de Deus e da salvação do proximo. Em 1541 foi mandado s Indias, onde se entregou a trabalhos incalculaveis entre indiziveis tribulações.

## Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas :

Anno . . . . . 4\$000  
Mez . . . . . \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

—o—

A assignatura annual para os assignan'es da «Epoca» custa 2\$000.

S. Francisco prégou o Evangelho a cinquenta e dois reinos da India e do Japão, plantou a cruz em tres mil logarps e baptizou cerca de cem mil pagãos ou mahometanos.

Favorecido com o dom das linguas e dos milagres, como os primeiros Apostolos, foi espantoso o successo da sua incançavel pregação; por toda a parte onde passava, cahiam os templos dos idolos e erguiam-se igrejas ao Deus verdadeiro.

Não eram bastantes, para seu zelo, as Indias e o Japão; dirigiu-se á China e chegou a avistar-lhe os primeiros portos; Deus, porém, revelou-lhe que só lhe accitava o ardente desejo, reservando a seus irmãos a intentada conquista, e que chegára o tempo de dar-lhe a recompensa dos immensos trabalhos.

Na hora extrema, o rosto sereno, os olhos ora fitos no crucifixo, ora levantados ao Céu, declaravam com evidencia as divinas consolações que lhe inundavam a alma.

Entregou a alma a Deus a 3 de Dezembro de 1552, com estas palavras: «Em vós, Senhor, puz a minha confiança; nunca se-rei confundido.»

Viveu 46 annos, dos quaes 11 nas missões da India e do Japão.

Foram de grande estrondo os milagres alcançados por sua intercessão, tanto no Oriente como na Europa. Foi beatificado por Paulo V em 1619, e canonizado por Gregorio XV em 1621.

Apaixonado pela salvação das almas e pelo estabelecimento do reino de Jesus Christo sobre a terra, não fazia caso de fadigas nem perigos. Ah! dizia o grande santo, si tivessem mais zelo os christãos para salvar seus irmãos, mais consolada teriam a vida e mais tranquilla e suave a morte.

Converter-se-iam peccadores aos milhões, si não fossem tão raros os homens desapegados de si, para só zelar a gloria de Jesus Christo!

(Do Goffiné)

Proposito: Si não puder dar alguma esmola para as missões catholicas, orarei ao menos pela conversão dos infieis.

—«O»—

### Graças antonianas

B. P. N. agradece a Sto. Antonio a cura do seu filhinho, e, como prova de gratidão, dará mensalmente 500 rs. para a Pia União de Sto. Antonio.

E. S., tendo obtido uma graça por intercessão de Sto. Antonio, vem agradecer ao grande santo a sua valiosa protecção.

## Credo

Creio! Porque não hei de crer?! Acaso posso Convencer de mentira o velho «Padre-Nosso» E do invicto Jesus lançar o escarneo á face Como um parvo qualquer? Entendo como nasce

E vive a mais rasteira erva do meu quintal?

Entendo porque em mim, quando procedo mal, Grita, pedindo o bem, a voz da consciencia? Explica d'onde vem a luz da intelligencia, O eu que pensa, o eu que quer, o eu que soffre

E que dentro de si guarda, como num cofre, (Inda que o não confesse) a secreta esperança De jamais acabar, de viver sempre, e lança Nas horas da amargura

Um grito para mais longe—acima da creatura, Procurando outro Ser, mais poderoso e justo, Que extenda a mão e salve... e salve a todo o custo?

Creio! Porque não hei de crer?! Acaso posso Derribar a Verdade, enterral-a num fosso, E dançar em redor o *cancan* do prazer, De alma em paz, riso honesto e certeza de ter Feito uma obra genial, com jus a premio ou estatua?

Que phantasia fatua

Seria acreditar que a velha soberana Anda á mercê da força ou da tolice humana, Que de encontro lhe vai, com a ancia do mosquito Dando investidas d'aza em bloco de granito! —Si a Verdade zombar podesse, ella é que então

Muito havia de rir, da minha pretensão! Mas a Verdade é grave e nunca zomba. Forte, Seu ultimo combate apraza para a morte, Occasião muito séria

Onde se mostra, emfim, toda a triste miseria De um punhado de pó, desaggregado aos poucos, Que cerebros já foi de sabios ou de loucos...

Creio!... Creio, porque não posso resistir Da consciencia á voz, que me manda subir Pelos degraus da fé até o meu Creador, Que ha de dar-me (eu o espero!) outro mundo melhor

Do que este, tão mesquinho e vil. Creio, porque Não quero nivelar-me ao bruto, que não vê Outra cousa senão os pastos onde come! Creio, porque solétro o sacrosanto Nome De Deus em cada ser que pensa e que palpita

Na grandeza infinita,

No insondavel mysterio  
Das cousas... desde o musgo até o azul si-  
derio,  
Desde o instincto da abelha até a lucta in-  
sana  
E as conquistas sem par da intelligencia  
humana.

Creio na Igreja Santa — o immortal archivo  
Que guarda o Coração e o Sangue do Deus  
vivo,  
Testamento perenne, echo do além que sôa,  
Calvario em que Jesus padece, ama e perdôa!  
Creio!... e quero que — quando a agonia  
da morte  
Me escaveirar a face... e quando toda a  
cohortel!

Das venturas mundanas  
Soltar junto de mim gargalhadas insanas,  
Dizendo-me, sem dó, seu derradeiro — adeus —  
— Se extendam, para acolher-me, os braços  
de meu Deus!  
Que um sacerdote venha e na minha alma  
afflicta,  
Derrame do perdão a orvalhada bemdita,  
Mostre-me o Crucifixo — o eterno talisman  
Do céo, e diga: «Parte em paz, alma chris-  
tan!...»

Amelia Rodrigues.

## As Ortiguera

COMEDIA EM 1 ACTO.

Traduzida do hespanhol por Edésia Aducci.

Personagens:

D. Maria,  
Carmen, sua filha,  
Ignacia, creada,  
Genoveva,  
Lucia,  
Joanna.

Sala modesta. Móveis convenientes. Por-  
ta no fundo e lateraes.

SCENA V.

Ignacia só, e depois com Genoveva.

Ignacia — Ella sahiu resmungando, mas  
... pouco me importa! Logo que tenha cum-  
prido a minha obrigação... Eu posso falar  
mal da patrôa e dizer a todo o mundo que  
me deve, porque ella deve a todo o mundo.  
Mas... faltar as suas ordens? e ao regula-  
mento da casa? Lá isso é que não!, porque,  
si eu o fizer, far-me-á pagar tão grande  
multa, que acabará com as mensalidades que  
me deve, e eu não estou para servir os ou-  
tros de graça! (Batem) Outra conta? A es-  
ta casa não trazem sinão cousas assim!  
(Abre) Para abreviar o tempo, responda-me  
logo, senhora: traz alguma conta, ou factu-  
ra ou...

Genoveva — (interrompendo) Não preciso  
dar satisfação a ninguem, e muito menos a  
uma creada. (Entrando, de mau humor) Eu

sou a dona desta casa, e exijo que ninguem  
me importune. (Toma uma cadeira, põe-na  
no meio da sala e senta-se)

Ignacia — (fechando a porta) A Sra. des-  
culpe; não sabia que era a dona da casa,  
pois, faz dois mezes apenas que sirvo...

Genoveva — (interrompendo) Onde está  
D. Maria?

Ignacia — Sahiu com a filha.

Genoveva — Você fez compras hoje?

Ignacia — Fiz.

Genoveva — E levou dinheiro?

Ignacia — Não!

Genoveva — Continuam então a pregar  
calotes?

Ignacia — Penso que sim.

Genoveva — (incomodada pega machi-  
chinalmente noutra cadeira e colloca-a junto  
da primeira, sentando-se) Dois annos faz que  
mora nesta casa e ainda não me pagou um  
só mez! Que classe de vergonha há nesta  
casa?

Ignacia — Creio que... de nenhuma  
classe.

Genoveva — Em menos de duas horas es-  
tarão na rua! (Levanta-se e principiar a pas-  
sear).

Ignacia — (á parte) Vejam só! Esta tam-  
bem veiu para que lhe paguem!

Genoveva — Sim, senhora!, para que me  
paguem o que é meu!

Ignacia — Está claro!, porque o dos ou-  
tros a Sra. não pode receber! Mas hoje, nem  
o seu receberá!

Genoveva — Como que não?

Ignacia — (com ar zombeteiro) Como que  
não! Pois si a mim ella deve só o aluguel de  
dois mezes e não me paga, quanto mais á  
Sra., a quem deve muito mais! Ora!, ora!,  
não seja tão ingenua! A Sra. não cobrará  
nem 5\$000! Fique certa disso: é questão de  
regulamento!

Genoveva — Não cobrarei? Irá para a  
rua! (Colloca outra cadeira perto das primei-  
ras e senta-se. Ignacia olha-a sobresaltada.)

Ignacia — Está bem... mas... não rece-  
berá um real!

Genoveva — Trarei antes a policia!

Ignacia — A Sra. tambem? Já somos tres!  
Os transeuntes são até capazes de pensar que  
o quartel se mudou para cá!

Genoveva — (levantando-se outra vez) E,  
em ultimo caso... Olha que sou tremenda,  
quando me enraiveço devéras!

Ignacia — Calma, muito calma! Leve as  
cousas com calma, como D. Maria!

Genoveva — Eu já sei como hei de leval-  
as! Minha paciencia está-se exgottando! (To-  
ma outra cadeira e senta-se onde melhor lhe  
parece.)

Ignacia — (á parte) Está passando revista  
na casa! E' uma verdadeira proprietaria!

Genoveva — D. Maria está demorando.

Ignacia — Então pensa que minha patrôa  
e a filha chegarão, estando a Sra. aqui?

Genoveva — E como sabem que aqui es-  
tou?

*Ignacia* — Oh! minha patrão tem um olfacto superior!, e por isso não voltará emquanto...

*Genoveva* — Voltarei á hora do jantar. (Levanta-se.)

## DOMINIOS DA ESPHINGE (9.º torneio charadistico)

Outubro, Novembro e Dezembro

Tres premios ás vencedoras

55 e 56) NOVISSIMAS

Perto da parede está uma vasilha inutilmente—1,2

A' margem deste rio, perto do oceano, há um campo—1,1. I. A.

57—59) SYNCOPADAS.

3—«Tal arvore, tal fructo»—2.

4—Quem ama a Patria, ama esta ave—2.

4—Como esta avezinha transformou-se num animal quadrupede!—2.

*Heloisa.*

### 4) ANCILLA DOMINI

## Margarida

A meus paes recommendo todos os velhos ex-escravos de vovó e todos os doentes e aleijados desta aldeia. Peço-lhes tambem protegerem os meus pobres do Rio e não deixarem de auxiliar o Asylo da Velhice, os pobres da Irman Paula, a casa dos Expostos, o Pão de Santo Antonio de nossa Parochia, a obra dos catecismos...

«Pedirei muito a Nossa Senhora consolar papae e mamãe de minha morte e espero que hão de ganhar uma outra filhinha que me substitua.

«Não receio a morte, porque Jesus é muito bom; não posso ter medo d'Elle, e depois tenho Nossa Senhora que é a minha boa Mamãe do céu.

«Ainda um pedido: áquelles pobres que mais me amaram, como a vovó preta e outros, além dos auxilios que lhes derem papae e mamãe darão alguma lembrança minha, qualquer objecto que me serviu...»

Esse testamento de minha Guida é o reflexo fiel de sua alma... Nada lhe causava maior alegria do que dar, distribuir beneficos.

Passavam por suas mãos cinco contos annuaes, fóra alguns extraordinarios.

Combinei com Laura dobrarmos essa quantia, que será distribuida em nome de Margarida, continuando ella assim a ser o nosso ministro da caridade, como eu a chamava por brincadeira.»

A transformação por que passou D. Laura foi radical, tornou-se de amor pelo marido, procurava collocar-se ao mesmo nivel intellectual e moral que elle, adoptando seus planos e ideaes, collaborando em seus trabalhos e boas obras.

Luiz, apesar das agras saudades do anjo de seu lar, sentia-se feliz; esquecendo os 13 annos de frieza e desintelligencia com a companheira, dizia-se em tardia lua de mel. Uma ou outra vez propunha á Laura acompanhá-la ao espectáculo para não a privar de distracções que, em tempos, lhe eram imprescindiveis—mas a senhora, perdido o gosto ás futilidades da vida, e agora com a nova esperança de maternidade, só ambicionava poupar a saude afim de crear o filhinho que ia nascer.

—Como chamaremos essa criança que nos vae chegar?—inquiriu um dia Luiz com carinhosa ternura.

—«Margarida».

—Sim; mas si fór um rapaz?

—Angelo, que é ainda o nome que muitas vezes davas a nossa Guida. Olha, Luiz, eu quizera que esta filha... estou certa que ha de ser outra menina, como a primeira Guida tenha a tua alma, teu nobre coração, teu character leal e bom...—e, accrescentou córando e baixando os olhos,—e que commigo só se pareça nas feições.—Luiz ergueu-lhe o rosto a rir:

—Poderá parecer-se comtigo tambem na alma, querida.

—Lisongeiro!

—Não, Laura, não ha nisso lisonja, a nossa filha pode herdar-te as bellas qualidades e ser um novo anjinho, como o foi Guida.

—Luiz...

—Que é, querida?

—Sinto um garbo differente agora de minha belleza; outr'ora achava que a tudo suppria e gostava de ser bella para captivar attentões de extranhos, hoje apraz-me a belleza somente para te agradar.

E mais bella do que nunca estás, no desabrochado vigor de teus 32 annos... mais linda do que quando revestida com as candidas vestes nupcias nos jurámos, ante o altar, fidelidade e amor até a morte!

—Não te fui perjura de fidelidade... mas quanto ao amor...

—Deixemos o passado, filha, a nossa Guida cobre-o com as suas azas de anjo.

—Não, Luiz, a lembrança de quanto fui má e futil é-me salutar, aprendo assim a mais estimar a tua paciencia e bondade em me aturar a extremada vaidade e a inconcebivel frieza.

Antes de um anno depois da morte da primeira Guida, nasceu Guida segunda, que promette ser copia exacta da outra. Esta, porém, foi recebida com equal amor dos dois paes.

Na familia Saraiva reina agora a paz e felicidade tanta quanta neste mundo pode existir...

São felizes porque se amam, são felizes porque são bons e compassivos; no cumprimento de todos os deveres encontram lenitivo para dôres e cruces a que ninguem se furta na vida.

— FIM —